



NOSSA CLASSE

**Pela organização independente dos trabalhadores!
Sob o programa da revolução proletária!**

Boletim Sindical do Partido Operário Revolucionário
Ano VII - Dezembro de 2011 e-mail: nossa.classe@hotmail.com

www.pormassas.org

Política Operária

Preparar-se para combater as demissões

Os operários estão sentindo que a situação econômica está mudando para pior. Cresce o receio de que os empregos não estão tão seguros como pareciam estar pouco antes da crise de 2008/2009. De fato, a indústria parou de crescer, não está contratando e começa a demitir. O emprego no Brasil está na dependência do comércio e dos serviços.

Se dependesse da indústria, a população já teria sentido a mão pesada do desemprego massivo. Mas tudo indica que a retração na indústria logo passará para os outros setores da economia. Isso porque a crise mundial caminha para uma queda geral no comércio entre as nações. O mercado interno isolado é limitado. Assim, o Brasil também padece da crise.

Vejam que esse ano o Produto Interno Bruto crescerá apenas 3%, quando o governo previa 4,5%. Não podemos confiar na nova previsão de 5% para o ano de 2012, que mesmo assim seria um baixo crescimento.

O que nós da classe operária e os demais explorados devemos fazer é nos prepararmos política e organizativamente para defender os empregos e os salários.

Como nos prepararmos?

A primeira medida é exigir que nossos sindicatos convoquem a **ASSEMBLEIA GERAL**, acompanhada de **ASSEMBLEIAS POR FÁBRICA**. Essa é a forma coletiva de planejar a luta contra as demissões. A assembleia geral deve aprovar as reivindicações e como defendê-las diante das medidas de corte aplicadas pelos capitalistas.

Os patrões e seus governos se preparam para a crise, fazem os cálculos e prevêem as férias coletivas e as demissões. E nós, os assalariados? Vamos ficar individualmente cada um na sua esperando quem cairá primeiro no desemprego? Esse é o perigo. Por isso, devemos discutir nas fábricas a **exigência do sindicato convocar a ASSEMBLEIA GERAL**, que deve ser democrática, com direito a voz dos operários de base e de oposição.

Começar o ano com mobilização e organização

As demissões já são uma realidade. Inúmeras fábricas no ABC dispensaram milhares de operários desde que a crise estourou. As contratações do setor automobilístico já não se sustentam.

Recentemente, a Magneti Marelli anunciou o fechamento da fábrica. A Vulcabras/Azaléia decidiu fechar seis fábricas na Bahia. Irá demitir 1.800 operários. São sinais que mostram que os patrões fazem o que querem diante da classe operária despreparada para a luta coletiva. E os sindicatos, o que têm feito para enfrentar a nova situação adversa aos assalariados?

Está aí por que o chão das fábricas deve gritar nos ouvidos dos burocratas que controlam os sindicatos: **QUEREMOS QUE CONVOQUEM A ASSEMBLÉIA GERAL JÁ NO COMEÇO DO ANO PARA NOS ARMARMOS CONTRA AS DEMISSÕES E EM DEFESA DOS SALÁRIOS!**

Os perigos que enfrentamos

O primeiro perigo se encontra no fato de não estarmos sendo organizados coletivamente para enfrentar a crise com uma política própria da classe operária. Assim, não temos as reivindicações que unem todos explorados contra as demissões e o desemprego.

O segundo perigo é o sindicato tratar o fechamento de fábricas e as demissões como sendo casos isolados. Assim, não responde com a força coletiva e unitária da classe operária.

O terceiro está no fato da diretoria sindical se colocar por negociar as demissões defendendo um pacote de indenização. Assim, não se luta contra as demissões e o desemprego.

O quarto é se retomarem os programas de flexibilização, como ocorreu há alguns anos atrás com os "acordos malditos" na Volkswagen e outras fábricas que implicaram redução salarial.

Os argumentos que não devemos aceitar

Primeiro argumento que deve ser rejeitado é que os interesses dos patrões são os mesmos que os dos operários. Assim, deveríamos defender seus pleitos perante o governo, como baixar a taxa de juros para o capital (taxa Selic), quando para o consumidor assalariado continua nas alturas, reduzir impostos, aliviar a folha de pagamento.

O segundo é que o governo está do nosso lado tanto quanto dos empresários. Assim, a política econômica de Dilma evitará que a crise se aprofunde e prejudique os pobres.

O terceiro é que a flexibilização (banco de horas, redução salarial, terceirização, etc) protegem os empregos. Assim, temos as demissões e a precarização do trabalho.

O quarto é o de acatar as metas de produtividade, para se ter um PLR maior. Assim, quanto mais produtivos formos, menos mão-de-obra a multinacional precisará e menos empregos teremos.

O quinto é de que os acordos por fábrica são o caminho a ser percorrido. Assim, se estilhaça a classe operária e se lhe tira a força de defesa das reivindicações de todos os explorados.

O sexto argumento é o de defender o protecionismo como solução para a garantia do desemprego. Assim, o sindicato fica submetido à guerra comercial capitalista e acaba defendendo os interesses das multinacionais e negando o princípio de que a classe operária é internacional.

Os argumentos que a classe operária deve defender

Primeiro: a economia mundial está afundando, a responsabilidade é inteiramente da classe capitalista exploradora. Assim, não vamos arcar com suas nefastas consequências para os empregos e salários.

Segundo: nós da classe operária temos nossa própria política e programa para enfrentar a crise estrutural do capitalismo. Assim, começamos por defender os empregos e os salários.

Terceiro: temos nossos meios coletivos para responder às demissões e aos planos que atacam os direitos trabalhistas. Assim, defendemos que nossos sindicatos convoquem a Assembleia Geral e as Assembleias de Fábrica.

Quarto: Com a ação direta (greves, ocupações de fábrica, manifestações de rua), defenderemos o emprego de todos e para todos os assalariados. Assim, tratamos as demissões, o desemprego, a fome e a miséria como um problema que todos os explorados enfrentam dia a dia perante a exploração de sua força de trabalho pelos capitalistas.

Quinto: A classe operária é internacional, sofre a exploração capitalista em toda a parte, padece do desemprego, dos baixos salários e da pobreza tanto no Brasil, como na Argentina, Bolívia ou nos Estados Unidos, embora haja diferenças no desenvolvimento econômico e social. Assim, não será com a bandeira do protecionismo que defenderemos os empregos. Se a Argentina, China ou qualquer outro país deixar de comprar do Brasil, aqui teremos demissão.

Sexto: Não confiamos em nenhum governo burguês, esteja ele mais à esquerda ou à direita. Assim, lutamos para nossos sindicatos se libertarem do governo e conquistarem a independência política, de classe, bem como a democracia operária.

Por onde começar?

Já defendemos que é necessária a **ASSEMBLEIA GERAL**. Esse é primeiro passo. O segundo consiste em aprovar um **PLANO DE DEFESA DOS EMPREGOS E SALÁRIOS**, que envolva todos os trabalhadores.

Que pontos deve ter o Plano de defesa dos empregos e salários?

Cabe aos nossos companheiros discutirem no chão de fábrica. Mas temos acumulado por experiência das lutas as seguintes reivindicações:

1. **Estabilidade no emprego** – Nenhuma demissão;
2. Implantação da Escala Móvel das Horas de Trabalho, para empregar a todos. As horas nacionais de trabalho devem ser divididas entre todos os empregados e de-

Em defesa da democracia operária e sindical

No início de novembro, os militantes do Partido Operário Revolucionário distribuía o Boletim Nossa Classe na entrada da Mercedes Benz, em São Bernardo do Campo, quando tiveram os boletins arrancados das mãos e ameaçados por membros do sindicato, que se identificaram como pertencentes à comissão de fábrica. Sob ameaças de “cai fora daqui se não vai sobrar para vocês” e avisos de “sem a permissão do Sergio Nobre (presidente do sindicato) não vai distribuir isso não”, “tem de pedir autorização para o Sergio Nobre”, “vocês estão avisados” e “voltem para o movimentinho de vocês na USP” etc. Os militantes ainda tentaram recuperar os boletins, argumentando e perguntando: onde está a democracia sindical? Será que os operários precisam de alguém para dizer o que eles devem ou não ler?

O fato é que os ditos membros da comissão de fábrica se

sempregados, sem redução salarial, daí sairá uma jornada de trabalho reduzida e todos terão emprego.

3. Unidade entre empregados e desempregados em uma só luta.
4. Constituição das comissões de fábrica independentes do patrão com a função de defender o programa da classe operária
5. Imposição do controle operário da produção. O que permite à classe operária abrir os segredos comerciais da classe capitalista e ter acesso à contabilidade geral das empresas.

Companheiros, é necessário que nos armemos com um programa de reivindicações nascidas de nossas necessidades e com o método de luta próprio dos explorados, que é a ação direta coletiva.

O que fazer diante do fechamento de fábrica

A Magneti Marelli decidiu que vai fechar a fábrica até janeiro. A indústria de calçados Vulcabrás/Azaléia anunciou o fechamento de seis fábricas na Bahia. Serão demitidos cerca de 1.800 trabalhadores. Como a Vulcabrás já havia demitido cerca de 1.500 desde novembro, vemos a brutalidade patronal. Enquanto se fecham postos de trabalho no Brasil, a empresa abre uma nova fábrica na Índia. É assim que funciona o capital – vai a procura da mão-de-obra mais barata.

O que deve ser feito? Aceitar um “pacote de benefícios”, como propõem os sindicalistas pelegos? Ou lutar pelos empregos?

Devemos dizer que as esmoladas não evitarão que dali a um ou dois meses os operários desempregados e suas famílias estarão passando necessidade. A resposta deve ser: **OCUPEMOS A FÁBRICA E ESTABELEÇAMOS O CONTROLE OPERÁRIO DA PRODUÇÃO! CHAMEMOS TODA A CLASSE OPERÁRIA A NOS APOIAR! ORGANIZEMOS OS EMPREGADOS E DESEMPREGADOS EM UMA SÓ LUTA! EXIGIREMOS QUE NOSSO SINDICATO SEJA COLOCADO A SERVIÇO DA DEFESA DOS EMPREGOS! QUE CONVOQUE A ASSEMBLEIA GERAL PARA ORGANIZAR O MOVIMENTO DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS PELA ESCALA MÓVEL DAS HORAS DE TRABALHO!**

Companheiros, ou é assim, ou abaxamos a cabeça para que a patronal nos golpeie sem piedade e para que a burocracia sindical negocie algumas migalhas.

O EMPREGO É NOSSA FONTE DE EXISTÊNCIA NO CAPITALISMO. VAMOS DEFENDÊ-LO COM UNHAS E DENTES! O DESEMPREGO É A DESGRAÇA DE NOSSA FAMÍLIA. VAMOS COMBATÊ-LO COMO QUESTÃO DE VIDA OU MORTE!

apropriaram do material do Partido Operário Revolucionário. Não admitem que sejam feitas críticas à sua política. O Boletim Nossa Classe divulgava uma campanha sobre a necessidade de derrubar a lei anti-greve, que vem sendo utilizada pelo governo e pelos patrões para derrotar as greves. Trazia uma crítica à posição da direção do sindicato dos metalúrgicos de se submeter, em nome da defesa dos empregos, aos objetivos da Abimaq de criar um pólo tecnológico no ABC. Isso quando a crise econômica se aproxima, começa a cair a venda de carros e as montadoras ameaçam com as demissões. O boletim denunciava o gansterismo no sindicato dos gráficos de São Paulo, onde a Força sindical invadiu a sede do sindicato para impedir que este se filiasse à CUT. Finalmente, o boletim fazia a defesa da democracia e da independência dos sindicatos.

Participe das reuniões da Corrente Proletária. Escreva para nós.